

## Introdução

O presente trabalho procura investigar e, possivelmente, traçar aproximações entre o conceito de intelectual moderno e o papel exercido por Eça de Queiroz frente à sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX, mais precisamente entre as décadas de 1871 e 1891. Os anos citados compreendem o intervalo entre a data de lançamento d’*As Farpas* em 1871 e seu relançamento em 1891, exatamente vinte anos depois, ocasião na qual Eça de Queiroz escreve um prefácio “interessantíssimo” (o plágio a Mário de Andrade é de minha responsabilidade) que, entenderemos no decorrer deste trabalho, se oferece como contraponto ao projeto que Eça teria cunhado a partir de seus primeiros escritos. Entende-se aqui, *a priori*, que o escritor tenha desenvolvido, durante a sua vida literária, um projeto de transformação da sociedade portuguesa da época, metonimizada no referido caso pelos lisboenses, representantes cosmopolitas de um Portugal que se perdera de seu caminho por não encontrar mais bússola ou astrolábio que indicasse a nova rota da glória e do reconhecimento majestoso de seu então extinto império ultramarino seiscentista.

É intrigante que, quatrocentos anos após a derrocada do império português, iniciada com a histórica derrota de Portugal na batalha de Alcácer Quibir, onde perdera-se também, de maneira funesta, a esperança de reviver-se a era majestosa com a morte do El-Rei D. Sebastião, ainda estejamos discutindo o destino de Portugal como nação à margem do desenvolvimento que toda Europa experimentou nos últimos cento e cinquenta anos. Contudo, parece-nos que Eça, representante aqui da proflua Geração de 70, denuncia, expõe e analisa os motivos que fizeram com que Portugal decaísse do altar proeminente de conquistas adjetivamente homéricas, restando-lhe a conformação de viver

a vestir o hábito da nostalgia e da saudade, temas tão bem explorados e ensaiados pelo crítico Eduardo Lourenço, o qual tomaremos mais amiúde como interlocutor dentre em breve, mas já cito-o para elencar uma corroboração ao comentário:

Levar para o futuro o nosso passado mais mitificado do que transfigurado, concebê-lo como espaço e vida onde o nosso ex-passado, mesmo o que deixou na memória universal uma recordação indelével, é apenas a máscara dourada da nossa impotência presente, não é a melhor maneira de nos dirigirmos para e de realmente alcançarmos um futuro. [...] O futuro é também, e radicalmente, o que nos surpreende e, surpreendendo-nos, nos cega com a evidência de que o passado não nos garante nada.<sup>1</sup>

É preciso, no entanto, dizer que o terreno da literatura é sempre pantanoso, perigoso e, quando nos damos conta, estamos tomados pela areia movediça da vaidade de muito querer dizer sobre aquilo que não podemos, ou de estarmos completamente impossibilitados de dizê-lo, já que nos damos conta de não sabermos como. A literatura e todas as teses que a aproximam da experiência do Fora (como em Blanchot, Foucault e Deleuze<sup>2</sup>), ou até mesmo da experiência da Morte, nos apontam para um certo espaço vazio da literatura, através do estabelecimento de um local de hiato, onde se espera que algo seja dito, redescoberto, reavaliado e posto em diálogo através de pontes que são construídas entre a experiência de leitura e reescritura do texto por intermédio de costuras teóricas que geralmente deixam as suas tramas frouxas e o tecido frágil, de modo que possa ser rasgado facilmente por conta de seus pontos vazios de costura. Por outro lado, há aqueles que trabalham as suas análises

---

<sup>1</sup> LOURENÇO, 2001, p. 67.

<sup>2</sup> Segundo vários teóricos contemporâneos, a discussão acerca do termo Literatura vem suscitando diversas discussões por conta da volatilidade do conceito que a envolve como experiência. Fugiremos de qualquer tentativa de conceituar Literatura, mas tomaremos a ideia de que a Literatura é mais que a Escritura (de Derrida), coloca-se para além do texto e da obra como experiência fundadora de um lugar que só a ela compete.

literárias realizando aquilo que chamamos de “crítica engajada”, buscando traçar paralelos entre a literatura e os movimentos de transformação social, política e estética de uma determinada equação espaço-temporal. É um terreno perigoso também, uma vez que se pode reincidir no erro primário de que a literatura é *ipsis litteris*, e tão somente, o retrato de uma determinada sociedade em um referido tempo e lugar.

A construção de uma estratégia de escrita sempre é permeada por inúmeras questões que envolvem a biografia do autor, está direta ou indiretamente ligada ao paradigma bio-psico-social que envolve a própria construção de uma identidade através da linguagem. A manipulação de estratégias discursivas, enunciadoras da linguagem presente no autor e em seu mundo, também construído a partir dessas estratégias, dá-nos a perceber de modo diferente este mundo que por vezes se apresenta como um mundo diferente daquele que conhecemos cotidianamente. Toda essa introdução de conceitos relativos à linguagem não pretende discorrer sobre sua natureza ou sua finalidade na construção de mundos, no caso aqui os ficcionais. Mas, servem de pressuposto para afirmarmos que todo texto é produto de uma vivência que envolve, não só o mundo da vida do autor, mas também as contingências que corroboram na construção desse mundo.

Falar de literatura então passa a ser uma atividade investigativa da vida do autor em consonância com seu meio de produção e as circunstâncias que a envolvem (a produção). Lembre-se aqui que a produção pode ter em si uma função e uma intencionalidade próprias. Apenas para ilustrar, tomo como elemento de exemplificação o fato de que há escritores com um compromisso mais voltado à estética da criação literária, preocupados com a questão da literatura como obra de arte, respeitando o conceito kantiano de “finalidade

sem fim”<sup>3</sup>; outros autores tomam a literatura como um instrumento de intervenção social, um instrumento de luta contra as instituições que se erigem no poder. Estes autores são comumente chamados de escritores engajados, geralmente reconhecidos por se levantarem contra a ordem vigente e criticá-la. Essa seria talvez uma das características que apontam para uma abordagem de leitura da obra de Eça de Queiroz que remeta ao seu papel de intelectual. Vale aqui ressaltar que no recorte de vinte anos de produção que se pretende analisar há escritos de Eça que se diferenciam muito pela estética da criação. Serei mais claro. Há textos, por exemplo, como aqueles encontrados em *Uma Campanha Alegre d’As Farpas* e na *Correspondência de Fradique Mendes*, textos estes que poderiam ser denominados declaradamente intencionais e aparentemente endereçados. Eça, nesses textos, utiliza-se de uma estratégia de escrita mais direta, que se deixa ver, que expõe com certa clareza uma proposta de reformulação através da crítica ácida à sociedade que ali se instaurara nas últimas décadas. Já os romances parecem obedecer a uma estratégia distinta. Neles, Eça dialoga com as mesmas mazelas atacadas nos textos. Chamaria “doutriniais” ou “pedagógicos”, contudo, utiliza-se de uma estratégia narrativa bastante distinta. O viés é outro. É uma costura mais indireta, com mais cesuras, reentrâncias mais recônditas, onde o autor usa e abusa de sua técnica ambígua para construir um quadro “quase humorístico” das mesmas mazelas que reclama eliminar nos textos epistolares e jornalísticos. Atentaremos às diferenças de exposição da proposta de reformulação de Portugal através da ficção e dos textos que ora chamarei de doutriniais capítulos adiante. Justifica-se ainda o recorte por se tratar da produção literária de Eça compreendida entre as Conferências do Casino Lisboense e a publicação de *Uma Campanha Alegre*

---

<sup>3</sup> Segundo Kant, na *Crítica da Faculdade de Julgar*, a obra de arte é uma finalidade sem fim, já que o prazer que ela provoca é um prazer desinteressado, livre de uma necessidade de satisfação de algo que se apresenta como prioritário à vida em si.

d’*As Farpas*, ou seja, sua reedição. A datação aqui se justifica pelo fato de marcar o início daquilo que poderia se chamar de “projeto de literatura realista”, projeto este iniciado com a conferência de Eça no Casino Lisboense, intitulada “O realismo como nova expressão de arte”, e se fecha justamente no momento em que Eça reavalia seu projeto, ironicamente, no prefácio da edição modificada de *As Farpas*<sup>4</sup>, texto ao qual o autor dá o título de *Advertência*.

Quem era eu, que força ou razão superior recebera dos deuses, para assim me estabelecer na minha terra em justiceiro e destruidor de monstros?... A mocidade tem destas esplêndidas confianças; só por amar a Verdade, imagina que a possui; e, magnificamente, certa de sua infalibilidade, anseia por investir contra tudo o que diverge do seu ideal, e que ela, portanto, considera Erro, irremissível Erro, fadado à exterminação.<sup>5</sup>

É, pois, a partir daquilo que se poderia chamar uma “estética da ambiguidade” que vou tentar tecer minhas leituras acerca da obra de Eça, buscando responder a questões centrais que me auxiliem a confirmar assertiva central da tese: Eça de Queiroz, intelectual.

Mas essa não é a única questão envolvida pelo presente estudo. Para que se possa responder à questão sobre a faceta intelectual de Eça de Queiroz é necessário que outras questões sejam colocadas em pauta. Dentre muitas que poderiam surgir, nos ateremos àquelas que tangem o aparecimento do Realismo em Portugal, atendo-nos às influências dos demais países da Europa naquilo que eu chamaria de “pressupostos teóricos” do aparecimento da estética realista em Portugal. Estes pressupostos nos levam a realizar uma apreciação do contexto histórico-social europeu no século XIX de modo que possamos reconhecer os pilares que sustentam o aparecimento daquilo que

<sup>4</sup> *A advertência*, escrita em 1890 por Eça, onde o mesmo reavalia de forma irônica o seu projeto iconoclasta, iniciado com a publicação d’*As Farpas*, integra a edição de Obras Póstumas, publicada em março de 2000 pela Edição “Livros do Brasil” Lisboa. (p. 5-8).

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 5.

denominaríamos “anos de restauração” em Portugal. Mas é importante dizer que a expressão “anos de restauração” deve ser tomada ironicamente aqui, pois essa restauração parece funcionar muito mais como projeto do que como realização concreta de planejamento de transformação social, planejamento este realizado pela Geração de 1870, da qual faz parte o autor analisado neste estudo: Eça de Queiroz. Para percorrer esta trajetória, tracei o seguinte caminho:

No capítulo primeiro, intitulado “Algumas Considerações sobre o papel do intelectual” utilizarei minhas leituras de Jean-Paul Sartre, Michel Foucault, Norberto Bobbio, Antonio Gramsci, Maurice Blanchot, Izabel Margato, Marilena Chauí, Adalberto Novaes e Edward Said para apontar alguns questionamentos sobre a função e a caracterização do papel do intelectual, sobretudo tentando focar a ideia de intelectual das letras, que é uma ideia colocada em discussão tanto por Sartre quanto por Foucault. Escolheremos este último como o *corpus* teórico que fundamentará nossa análise do papel de intelectual exercido por Eça;

Em “A ironia como instrumento de crítica social: d’*As Farpas à Decadência do Riso*”, apresentarei brevemente uma panorâmica do conceito de ironia com Linda Hutcheon e D.C. Muecke, até chegar ao que Mário Sacramento e José Urbano Tavares chamam de Ironia em Eça de Queiroz. Analisarei, portanto, *As Farpas*, tomando o texto como uma espécie de referencial da operação do conceito de ironia em Eça, dialogando com o texto que Eça chamou de “carta que deveria ter sido um prefácio”<sup>6</sup> publicada na introdução de *O Madarim* e fecharei este diálogo com *A decadência do riso*, texto publicado em *Notas contemporâneas*.

“O Realismo em Portugal e *As conferências do Casino Lisboense*”

---

<sup>6</sup> QUEIROZ, Eça. Obras Completas. Vol. I. Porto: Lello & Irmão. s.d.

intitula o terceiro capítulo. Neste apresentarei o conceito de realismo, oriundo da ideia de contraposição à escola romântica, fazendo menção ao aparecimento do romance social no século XIX. Fundamentarei meu texto utilizando como pressupostos teóricos Linda Nochlin, Carlos Reis, José Augusto-França, Phoudhon, Balzac, Eduardo Lourenço, Kenneth Maxwell, Helder Macedo e Benjamin Abdala Junior. Analisarei o projeto de Eça em contraposição ao de Balzac para a construção daquilo que seria chamado/intitulado "romance realista" e para isso procurarei demonstrar a relação de Eça com o realismo europeu a partir de uma leitura de sua proposta exposta nas Conferências do Casino, intitulada "O Realismo como nova expressão da arte", passando pelo prefácio intitulado "Idealismo e Realismo", publicado na segunda edição de *O crime do Padre Amaro* e terminarei em "Positivismo e Idealismo", texto crítico de Eça que servirá como chave de fechamento desse capítulo.

Em "*Os Maias*: a maturidade intelectual de Eça de Queiroz" buscarei analisar como referido romance serve de metonímia, apontando a trajetória intelectual de Eça de Queiroz. É neste capítulo que procuro demonstrar como Eça abraça o Romance como gênero (embora *As Farpas* ainda não o seja), traçando um estudo mais pormenorizado d'*Os Maias*, o qual não hesitarei em classificar como romance de maturidade e de regeneração. Nesta análise procurarei apontar de que maneira Eça exerce sua força de combate, fazendo de sua literatura um instrumento de intervenção pela via da desconstrução. O objetivo desse capítulo é traçar uma linha que perpassa os conceitos de intelectual, de ironia e de realismo, demonstrando como os mesmo encontram-se presente na produção literária de Eça, fazendo com que a mesma seja a expressão máxima de sua produção intelectual, conferindo-lhe o título de escritor fundador do romance moderno em Portugal. Apontarei ainda para o aspecto trágico presente no romance, relegado a segundo plano por muitos teóricos, contudo tomando corpo na análise que farei, sobretudo por encerrar

características que são concernetes tanto ao Realismo quanto à modernidade inaugurada por Eça no gênero romanesco.